

ARTE E LINGUAGEM UNIVERSAL

ANGELO JOSÉ SANGIOVANNI - Professor da Universidade Estadual do Paraná
(UNESPAR)/CAMPUS II FAP
Email: ajsangiovanni@yahoo.com.br

Resumo: *A partir da análise da tragédia antiga, Nietzsche inaugura um caminho para o entendimento de seu tempo onde o mito da antiguidade possa renascer na cultura. A ética e o conhecimento criados por Platão e Eurípides afastaram a civilização grega do modo trágico. Os impulsos apolíneo e dionísio não persistiram no mundo do conhecimento socrático onde tudo para ser belo deve ter uma explicação. A luta entre a ciência otimista nascida com Sócrates e a necessidade trágica da arte é recolocada por Nietzsche nas seções 16, 17 e 18 na obra O nascimento da tragédia. Nas quais Nietzsche utiliza alguns pressupostos de Kant e Schopenhauer para a retomada do mundo trágico como superação do niilismo. Em parte o pensamento destes autores foi utilizado por Nietzsche na proposta de superação do otimismo científico de sua época por meio da música enquanto linguagem universal.*

Palavras-chave: *Tragédia. Vontade. Música. Estética.*

Na obra o Nascimento da Tragédia Nietzsche propõe uma retomada do pensamento trágico representado na tragédia grega antiga principalmente por Eurípides e Sófocles. A Crítica de Nietzsche à tradição de conhecimento iniciada com Sócrates, que tem a razão e a ciência como modelo da racionalidade ocidental e também é motivo da decadência da cultura ocidental, pretende resgatar o modo trágico da cultura grega como modelo para seu tempo.

A relação entre o conhecimento e a arte desde Sócrates e Platão possui uma barreira intransponível, dicotomia que banuiu os sentimentos para o reino da opinião e ilusão. A ruptura dessa barreira ou dicotomia é o caminho para a superação do otimismo científico que exclui o humano e cria uma esfera superior e, também, nega a condição trágica. Nietzsche afirma “se a tragédia antiga foi obrigada a sair do trilho pelo impulso dialético para o saber e o otimismo da ciência, é mister deduzir desse fato uma luta eterna entre a consideração teórica e a consideração trágica do mundo” (NIETZSCHE, 2003,p.104).

A concepção trágica é ligada ao mito que tem o papel de velar a natureza assustadora e a barbárie. A tragédia grega antiga foi aniquilada pelo otimismo socrático e o avançar da ciência aniquilou o mito e excluiu a poesia, e podemos dizer também a arte e sua força criadora.

Nietzsche principalmente nas seções 16, 17 e 18 retoma a discussão sobre a tragédia já apresentada nas seções anteriores do *Nascimento da tragédia*, mas introduz uma discussão com o objetivo de propor para a cultura de seu tempo um meio de superação do niilismo do modo de vida de sua época. A crítica à cultura socrática que foi a origem da degeneração do modo de vida trágico dos gregos, é recolocada por Nietzsche, para mostrar que a Música é capaz de recuperar o mito, e com isso, restabelecer o modo trágico perdido.

Nietzsche retoma a crítica ao otimismo socrático considerando os elementos históricos e filológicos do surgimento da tragédia antiga abordados nos parágrafos anteriores, e introduz na análise novos pressupostos para a construção da cultura a partir de noções de Kant e Schopenhauer.

A dicotomia entre razão e sentimentos é recolocada por Nietzsche trazendo a noção de Vontade de Schopenhauer e suas reflexões sobre a teoria do conhecimento de Kant: Coisa em si, espaço e tempo, fenômeno, conceito e intuição. Noções que são utilizadas com o intuito de pensar a música como a representante entre as artes para o renascimento do trágico.

Nietzsche faz uma longa citação do *Mundo como vontade e como representação* de Schopenhauer. Na qual destacamos o seguinte trecho a “música, é {..} quando encarada como expressão do mundo, uma linguagem universal no mais alto grau, que inclusive está para a universalidade dos conceitos mais ou menos como esses conceitos estão para as coisas individuais” (NIETZSCHE, 2003, p.98). Nesta, afirmação de Schopenhauer citada por Nietzsche

são mencionadas algumas noções de Kant com o objetivo de compará-las ou traçar um possível paralelo com a arte e a música.

Nietzsche considera que Kant e Schopenhauer se opuseram ao otimismo socrático e, neste sentido, afirma:

A enorme bravura e sabedoria de Kant e de Schopenhauer conquistaram a vitória mais difícil, a vitória sobre o otimismo oculto na essência da lógica, que é, por sua vez, o substrato de nossa cultura. Se esse otimismo, amparado nas aeternae veritatis [verdades eternas], para ele indiscutíveis, acreditou na cognoscibilidade e na sondabilidade de todos os enigmas do mundo e tratou o espaço, o tempo e a causalidade como leis totalmente incondicionais de validade universalíssima, Kant revelou que elas, propriamente, serviam apenas para elevar o mero fenômeno, obra de Maia, à realidade única e suprema, bem como pô-la no lugar da essência mais íntima e verdadeira das coisas, e para tornar por esse meio impossível o seu efetivo conhecimento, ou seja, segundo uma expressão de Schopenhauer, para fazer adormecer ainda mais profundamente o sonhador.¹

Nietzsche valoriza nestes autores a ruptura com a tradição do conhecimento iniciada com a concepção de conhecimento de Sócrates e Platão que criou a dicotomia entre a essência e a aparência. Nesta concepção somente a essência era considerada como o real e verdadeiro, a aparência, ilusão era rebaixada como cópia mal feita do verdadeiro. O mérito de Kant e Schopenhauer foi mostrar a impossibilidade do conhecimento das essências o que reforça o pensamento de Nietzsche da necessidade da dissolução da dicotomia criada entre o conhecimento lógico científico e a arte. Deste modo, para Nietzsche, se introduz uma cultura trágica “cuja característica mais importante é que, para o lugar da ciência como alvo supremo, se empurra a sabedoria, a qual, não iludida pelos sedutores desvios das ciências, volta-se com olhar fixo para a imagem conjunta do mundo”. (NIETZSCHE, 2003, p. 111)

Na teoria do conhecimento de Kant o mundo é apresentado como fenômeno, os objetos são regulados por nosso conhecimento, e não concordando com a tradição que afirma que os conceitos devem se conformar a uma realidade já previamente dada. As representações se dividem em intuições e conceitos, pelas primeiras os objetos nos são dados, pelas segundas, pensados. Para Kant só podemos conhecer as coisas quando aparecem na sensibilidade, no espaço e no tempo, que são condições de possibilidade da experiência. Todavia, a posição Kantiana de limitar o conhecimento às representações objetiva pressupõe a separação entre o sujeito e o objeto, dicotomia que Nietzsche pretende diluir.

¹ NIETZSCHE, 2003, p. 110, 111.

A separação entre sujeito e objeto é atenuada na noção de Vontade de Schopenhauer. A vontade aproxima-se da coisa em si como imagem e idéia. É essa a força que Nietzsche tenta resgatar para escolher a música como meio de superação da condição de sua época. O mundo enquanto representação dos fenômenos, na relação sujeito objeto, que caracteriza a objetividade do conhecimento, exclui os sentimentos e o corpóreo. O resgate do ideal trágico só é possível mediante a dissolução desta separação entre o sujeito e o objeto.

No mundo como vontade e como representação Schopenhauer afirma

A quem, mediante todas essas considerações, também se tornou in abstracto evidente e certo que aquilo que cada um possui in concreto imediatamente como sentimento, a saber, a essência em si do próprio fenômeno – que se expõe como representação tanto nas ações quanto no substrato permanente destas, o corpo - é a Vontade que constitui o mais imediato de sua consciência, porém, como tal, sem aparecer completamente na forma da representação, na qual o objeto e sujeito se contrapõem, mas dando sinal de si de modo imediato, em que sujeito e objeto não se diferenciam nitidamente.²

Nietzsche cita Schopenhauer que para ilustrar a universalidade da música afirma “quando o compositor souber enunciar na linguagem universal da música isto ocorre do conhecimento imediato da essência do mundo, sem o conhecimento de sua razão, e não deve ser, como intencionalidade consciente, uma imitação mediada por conceitos”. (NIETZSCHE, 2003, p.100).

Nietzsche pergunta “que efeito estético surge quando aqueles poderes estéticos, em si separados, do apolíneo e do dionisíaco, entram lado a lado em atividade? Ou de forma mais sucinta: como se comporta a música para com a imagem e o conceito?” (NIETZSCHE, 2003, p.98). “Em oposição a todos aqueles que se empenham em derivar as artes de um princípio único, tomado como fonte vital necessária de toda a obra de arte, detenho o olhar naquelas duas divindades artísticas dos gregos. Apolo e Dionísio. (NIETZSCHE, 2003, p.98).

A intenção de Nietzsche é a partir do pensamento de Schopenhauer, especificamente da noção de vontade, mostrar que a música tem a força criadora dos mitos. Nietzsche afirma que “A música verdadeiramente dionisíaca se nos apresenta como um tal espelho geral da vontade do mundo; o evento intuitivo que se retrata nesse espelho amplia-se desde logo para o nosso sentimento, até tornar-se imagem reflexa de uma verdade eterna”. (NIETZSCHE, 2003, p. 105)

Na exposição de Nietzsche a música, enquanto imagem da vontade do mundo, possui a

² SHOPENHAUER, 2005, p.168.

força para o restabelecimento do espírito trágico perdido pelo modelo Socrático de conhecimento, resgatar a força do mito que a tragédia antiga possuía é o papel da música dionisíaca. A música perdeu a força que tinha na tragédia antiga, como afirma Nietzsche “no desenvolvimento do novo ditirambo atico, cuja música não mais exprimia o ser interno, a vontade mesma, mas só reproduzia a aparência de modo insuficiente, em uma imitação mediada por conceitos” (NIETZSCHE, 2003, p.105)

Nietzsche expõe o dualismo entre a música dionisíaca como força de superação da condição vazia da existência e a música enquanto representação do fenômeno individual e critica a música separada do mito, que busca explicações externas e racionais. Neste sentido Nietzsche, também, separa o homem teórico do homem trágico e elege Sócrates como o exemplo do homem teórico para o qual “Importava mais a busca da verdade do que a verdade mesma” (NIETZSCHE, 2003, p.93).

Nietzsche afirma que “A história da tragédia grega nos diz agora, com luminosa precisão, que a obra de arte trágica dos helenos brotou realmente do espírito da música: [...] o mito não encontra de maneira alguma a sua objetivação adequada na palavra falada. A articulação das cenas e as imagens perspícuas revelam uma sabedoria mais profunda do que aquela que o próprio poeta pode apreender em palavras e conceitos” (NIETZSCHE, 2003, p.103)

Nietzsche pensa a música como uma linguagem universal, mostra a impossibilidade de pensar a música a partir da linguagem tradicional por meio de palavras. A música semelhante à vontade vai além da objetividade entre a representação sujeito/objeto, ela é pensada no sentido de uma imagem geral do mundo, um a priori que vai além do fenômeno percebido pelo sujeito.

Nietzsche propõe um caminho estético e político ao considerar a arte como uma linguagem universal. A arte tem a capacidade de superar o impasse criado pela cultura moderna que tem como fundamento o otimismo da ciência. A certeza do homem teórico é posta em dúvida, assim como também é posta em dúvida a crença “em uma correção do mundo pelo saber, em uma vida guiada pela ciência; e que é efetivamente capaz de desterrar o ser humano individual em um círculo estreitíssimo de tarefas solucionáveis” (NIETZSCHE, 2003, p.108).

Para Nietzsche a cultura moderna baseada no otimismo das ciências é fonte de angústias e motivo de destruição da sociedade. O ser humano moderno tem seus referenciais no que é imposto exteriormente, “a consideração otimista da existência, a necessidade de uma classe assim, e por isso, uma vez gasto o efeito de suas belas palavras transviadoras e tranquilizadoras acerca da “dignidade da pessoa humana” e da “dignidade do trabalho”, vai pouco a pouco ao encontro de uma horripilante destruição” (NIETZSCHE, 2003, p.110). Assim, Nietzsche pretende que a arte supere a maneira de existência do otimismo socrático e a música, considerada como linguagem universal, é escolhida entre as artes como meio de restabelecer a condição humana perdida.

REFERÊNCIAS

KANT, I. Crítica da razão pura. Trad. Valério Rhoden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural

NIETZSCHE, F. O Nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo. Trad. J. Guinsburg São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHOPENHAUER, A. O mundo como vontade e como representação. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.